

Quando florescer salambás no tecto do Pico, de Conceição Lima: a sedimentação das pernas-caule e a amorosa travessia das fronteiras

NADUSKA MÁRIO PALMEIRA*

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

RESENHA DE:

LIMA, Conceição. *Quando florescer salambás no tecto do Pico*. São Tomé e Príncipe: Edição da Autora, 2015. (Impressão e acabamento: Lexonics. Tiragem de 100 exemplares.)

“Trespasar é a sina dos que amam o mar.”
(*Fronteira*)

“Proclamo neste canto o tamanho do teu nome.”
(10)

“Entendes porque são verticais as minhas veias?
Essa sugestão de caule nas minhas pernas?”
(25)

O que ora se lê em *Quando florescer salambás no tecto do Pico* (2015) traduz (ou confirma) a proposta da trajetória anunciada em “Circum-navegação”, poema que encerra *O país de Akendenguê* (2011). Não posso me furtar a dizer que tal poema abria em meu imaginário acerca da obra da poeta a perspectiva de uma leitura que, enfim, retornasse às obras anteriores¹

e, ainda, procurasse as bases do encontro com uma casa sempre anunciada e em construção.

Neste *pico*, o que se encontra é um amor, figurado em toda a obra como um “tu”, cuja face não é exposta a um primeiro olhar e que, entretanto, desdobra-se, transforma-se em terra e em ilha, em mar e em rios e, talvez, em Homens. Ademais,

* Doutoranda em Letras/Literaturas Vernáculas. Área de pesquisa em Literaturas Africanas em Língua Portuguesa, Universidade Federal do Rio de Janeiro. CNPq.

¹ *O útero da casa*, Lisboa, Caminho, 2004; *A dolorosa raiz do micondó*, Lisboa, Caminho, 2006; *O país de Akendenguê*, Lisboa, Caminho, 2011.

trata-se de uma obra de superação e de conquista da palavra independente, que dialoga com a poesia do mundo e com o *locus* de onde fala o sujeito poético.

Pretendo apresentar esta obra pelas suas pequenas partes, que a transformam em corpo vivo, desperto, como já anunciara Lima em “Mátria”, de *O útero da casa*: “Quero-me desperta/se ao útero da casa retorno/para tactear a diurna penumbra/das paredes/na pele dos dedos reviver a maciez/dos dias subterrâneos/os momentos idos.” (LIMA, 1994).

A obra é composta por vinte e cinco poemas numerados, sem título. Todos tecem o corpo de um livro denso e lúcido, em que o sujeito lírico, no entanto, não abandona o “regresso fundo da memória e do esquecimento” (LIMA, 2015, 4, p.6), do “assombro da aurora primeira” (LIMA, 2015, 5, p.7) ou de “algo indefinido” que traduzia “a página em branco no livro mais antigo.” (LIMA, 2015, 6, p.8). Sendo assim, remeto-me, não a dicotomias, mas a possibilidades de sustentar e sedimentar a linguagem e a arte poética, que flui, como “sugestão” dos pés para o corpo, tal qual água, fertilizante da obra e da liberdade.

Antecipado no primeiro poema, o sujeito poético fixa seu lugar ao Sul, em contraposição ou em movimento oposto à imposição do Norte, do Ocidente avassalador e, tantas vezes, devastador das terras africanas. Já não há mais a casa por habitar, mas há o nome da casa que habita o sujeito poético,

Escrevo teu nome na areia nua
Escrevo a Sul, para nomear
A casa que me habita.
(LIMA, 2015, 1, p.3).

Desconstrói-se, desta forma, a permanência no útero, que dá lugar à irrupção, o

jorro para fora das paredes tenras e frágeis, para aquilo que antes era tão somente aspiração. Já se toca, agora, o ventre da manhã, o fruto inadiável – a arte –, sem amanhã: “o tempo presente, os homens presentes, a vida presente” drummondiana. E, parafraseando ainda mais uma vez o poeta mineiro, o tempo presente é a matéria de *Quando florescer salambás no tecto do Pico*.

No poema 4, relê-se, já sob outro prisma, “O canto obscuro às raízes” (de Lima, em *A dolorosa raiz do micondó*, 2006) e a história da memória e do esquecimento vem à tona para acender “um” nome sem rosto, mas real no desejo e na arte poética. A construção desse “nome” é um projeto de casa, grão a grão, ou fio a fio, a reinvenção das linhas inacabadas da casa (aludo ao poema “A casa”, da obra *O útero da casa*), o que revela a possibilidade de reaver, voltar a possuir o “assombro da aurora primeira” (LIMA, 2015, 5, p.7). Eis que se desdobra, em diálogos, a sedimentação do caule profícuo e fértil de que se alimenta a metonímica perna do sujeito poético,

Vim para acender o teu nome nas
pálpebras do poema
O teu nome em excesso e carência
geminado
na atônita face de exaustos deuses.

Mas a multidão cavalga o dorso de
dísparos caminhos
E alguém em mim pergunta pelos
antepassados.

Regresso do fundo da memória e do
esquecimento.
(LIMA, 2015, 4, p.6).

Da fantasmagoria ou do enigma de que se constituem alguns dos poemas que compõem a obra emergem a conquista e a liberdade. Não se trata mais de um

anseio, e, sim, de realização. Ainda que a ilha lembre sempre a dolorosa travessia – que é “a sina dos que amam o mar” – em contrapartida, é devolvida a ela a “transparência das coisas esquecidas” (LIMA, 2015, 7, p. 9): é o caminho da figuração poética, memorialística e histórica que se instaura na obra lida. Proclama-se o tamanho do “nome” que ora parece representar a nação, ora nos confunde com o homem-humano, no país-ilha de Conceição, “celeiro de ternura” (LIMA, 10, p. 12).

Não se pode prescindir da leitura política que Lima sempre buscou em sua obra. Em alguns poemas, relembra-se Havana e a Revolução, nomeia-se Sierra e “os sonhos cercados de heroísmo”², a liberdade e a palavra palpitante nos corações que renascem e reconfiguram o olhar sobre as ilhas outrora avassaladas pelos colonizadores europeus. Há um canto de esperança: “renascer” é o olhar para o futuro, para “as novas trovas que se semeiam”.

A ilha é o reino difícil, faminto e belo. Recordo-me ainda de um dos muitos diálogos que Conceição Lima trava com a poesia de Alda Espírito Santo, libertando o grito dos afogados de Batepá, num ilhéu, agora, “inesperado”. Feito de silêncios, o que desejou Alda em sua obra, emerge agora do mar da tortura imposta no fatídico episódio de 1953,

Há velas a hastear
Ignotos promontórios
os cabos da boa esperança.

Não mais timoneiros perdidos
Rotas equivocadas
Se a praia guarda da bússola os
segredos.

² “Nunca iremos a Havana./Varadero é um cartaz na parede./ Não subiremos à Sierra/Transmutaram os sonhos cercados de heroísmo/Nas *calles* se semeiam novas trovas./Palpitas no coração das idades que renascem.” (LIMA, 2015, p. 13).

Vem beijar o sol nas minhas tranças
Desatar a vida nestas algas
Vem indagar dos prodígios desta dança

Vem agora que os corsários partiram
Com espadas de bruma e fantasia

Vem libertar o grito dos afogados
Neste ilhéu inesperado

Silêncio de abrigo à tua chegada.
(LIMA, 2015, 16, p. 18).

Em homenagem a Langston Hughes (1902-67), “E eis que um poeta nos fala de rios”, Lima também nos relata conquistas de um poeta que “celebra a profundidade dos rios ancestrais/quando despimos a solidão no leito do Kwanza.” (LIMA, 2015, 19, p. 21). Explícita a referência, há de se ressaltar a importância de Hughes no movimento cultural afro-norte-americano da década de 1920, o Harlem Renaissance ou New Black Movement. A poeta cita o poema “The negro speaks of rivers”³ (*The weary blues*), de Hughes, no seu “19”,

E eis que um poeta nos fala de rios.

Um poeta nos fala de rios
anteriores ao percurso do sangue nas
veias humanas.

Também em ti as eras do Nilo
banhando as pirâmides
Também as vossas veias inundadas
pelo Congo...

A voz do Mississipi descendo até
Nova Orleães
O Mississipi cantando sempre até
Nova Orleães...
(LIMA, 2015, 19, p. 21).

³ “I’ve known rivers:/I’ve known rivers ancient as the world and older than the flow of human blood in human veins.// My soul has grown deep like the rivers.//I bathed in the Euphrates when dawns were young./I built my hut near the Congo and it lulled me to sleep./I looked upon the Nile and raised the pyramids above it./I heard the singing of the Mississippi when Abe Lincoln went down to New Orleans, and I’ve seen its muddy bosom turn all golden in the sunset.//I’ve known rivers:/Ancient, dusky rivers.// My soul has grown deep like the rivers.”

Seguindo uma leitura em linha reta da obra, no poema 22 há, claramente, a reconstrução do olhar (ou o olhar sob outra perspectiva) voltado para as ilhas de São Tomé e Príncipe, do que cito alguns versos,

Nada é tão real como esta morada de esplendor e solidão
Onde recusamos atraiçoar a promessa da luz

Uma a uma apagaremos as estrelas de mentira
Removeremos dos caminhos o lixo e os entraves
Abraçaremos as lavras, sacudiremos dos livros a poeira.

Nenhum vestígio dos altares erguidos a deuses absurdos.

Recomeçamos – artesãos da nossa redenção.
(LIMA, 2015, 22, p. 24).

Trata-se de um olhar que vislumbra uma casa mais esperançosa do que aquela que emerge tantas vezes em *O útero da casa* ou *n’A dolorosa raiz do micondó*. Repito: artesãos da nossa redenção. É a fala de um sujeito poético a partir de quem nasce um rio⁴, em “ondas mansas/Um rio recôndito como o coração da ilha.//(...)// Rio apenas, irmão de todos os rios” (LIMA, 2015, 20, p. 22). Seria esse rio o que nasce dos rascunhos que conservara o sujeito poético, “aquela letra adiada, a extensão da rasura” em “O amor do rio”, de *O país de Akendenguê*? Seria esta a escrita fixada, sem o interdito da rasura histórica e dolorosa da memória política e opressora de outrora? Seria a escuta do “som do rio que nos funda e nos reinventa?”, perdida tantas vezes face a

face? Enfim, “O amor do grande rio [que, afinal] nos convoca”?

“[Maravilhada] ante a nossa inteireza” (LIMA, 2015), maravilhada ante a inteireza da palavra dita e da arte, caminha esta obra de Conceição LIMA, em que um sujeito lírico transmutado “em semente [de sua] própria raiz” se anuncia sem mais renúncias⁵. O canto às raízes, que já se veem brotar do solo fértil das ilhas de São Tomé e Príncipe, das ilhas de Conceição Lima, convida a sentir “a fragrância desta oceânica varanda” (LIMA, 2015), onde todos os mares explodem, como em circum-navegações, em fronteiras que não mais se afiguram como renúncias. Já se podem, dos fantasmas elementares, decifrar as perdas, e o “difícil ofício de lavrar a paciência” (LIMA, 2011) dá lugar “ao sol por companhia”.

Referências

LIMA, Conceição. *O útero da casa*. Lisboa: Caminho, 2004.

_____. *A dolorosa raiz do micondó*. Lisboa: Caminho, 2006.

_____. *O país de Akendenguê*. Lisboa: Caminho, 2011.

_____. *Quando florirem salambás no tecto do pico*. Edição da Autora: São Tomé e Príncipe, 2015.

Recebido: 6 de novembro de 2017.

Aceite: 7 de dezembro de 2017.

⁴ “Falo-te agora de um rio em mim nascente/Lodo e agrião, ondas mansas em corrente/Um rio recôndito como o coração da ilha.” (LIMA, 2015, p. 22)

⁵ Em *O país de Akendenguê* (2011), o sujeito poético afirma que “Toda a fronteira é um apelo à renúncia” (p. 71) e em *Quando florirem ele anuncia*: “E as fronteiras em mim se desvanecem”. Assim, aquela renúncia de outrora parece dar lugar a concretizações de desejos: “Rasguei os postais./Nada é tão real como estar aqui” afirma o sujeito lírico no poema 21.